

# LITERATURA CAMPONESA: UMA DIVERSIDADE LITERÁRIA

Silvana Aparecida Loch – UFPR<sup>1</sup>

Elisangela Aparecida da Rocha - USP/FAPESP<sup>2</sup>

## Resumo

O presente trabalho é resultado da pesquisa monográfica apresentada ao curso de Especialização em Educação do Campo da UFPR - Universidade Federal do Paraná, no período de 2006 a 2008. Historicamente a cidade vem sendo valorizada em detrimento ao campo. E não é por acaso, isso revela um projeto ideológico alicerçado num ideal Positivista e Desenvolvimentista, que (re)afirma a cidade como o lugar do Progresso, onde se é cidadão. Então nos perguntamos? Seria possível a produção literária, nesse campo marginalizado? Diante desse projeto de ignorância em relação ao campo, aos Movimentos Sociais presentes nesses espaços de onde nasce a Educação do Campo, nos propomos a estudar neste artigo um poema produzido por um desses sujeitos dos Movimentos Sociais Camponeses, fazendo um recorte na Brigada Santinho, do MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra, localizada na região de Campo Mourão-PR. Sujeito esse, que ousa, além de ocupar terras, ocupar também espaços simbólicos/literários. A linha de pesquisa está alicerçada na literatura e na história, visando um olhar “da história vista de baixo”, analisando com auxílio da Análise do Discurso (A.D.) o que e de que forma os camponeses contam a sua história.

**Palavras – chave:** Educação do Campo. História. Literatura Camponesa.

## Introdução

O campo sobre o qual falamos, é o campo que se solidifica no paradigma da “questão agrária”, o campo dos pequenos agricultores e agricultoras, dos camponeses e camponesas, que buscam uma educação que seja do seu chão, do seu campo, para se apropriarem do conhecimento historicamente construído e em seus espaços de luta e fazerem a síntese, gerando novos saberes.

O campo/espaço da pesquisa foi a “Brigada Santinho”, terminologia esta utilizada pelo MST para designar uma espaço de organicidade composto por 500 famílias. A Brigada foi constituída em 2002 e possui o nome de “Santinho”, em homenagem a uma das primeiras lideranças do MST na região. O movimento está

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras pela FECILCAM em 2005. Especialista em Educação do Campo em 2007 pela UFPR. Trabalhou como educadora da Escola Milton Santos em Maringá-PR e Escola Latino Americana de Agroecologia, Lapa-PR. Atualmente é professora da rede estadual de ensino na Escola Estadual do Campo Palmital do 43, no município de Roncador - PR. (silvanaloch2003@yahoo.com.br)

<sup>2</sup> Elisangela Aparecida da Rocha é mestre em Estudos Literários pela Universidade Estadual de Londrina, doutoranda em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo – USP/FAPESP. (elisangelarocha06@uol.com.br)

presente nos municípios de: Peabiru, Luiziana, Quinta do Sol, Farol, compondo sete assentamentos: Santa Rita, Monte Alto, Luz, São João, Covo, Marajó e Roncador. Nos municípios de Barbosa Ferraz, Campina da Lagoa, Quinta do Sol e Iretama, estão dois acampamentos e quatro ocupações<sup>3</sup>.

Nesse campo a muita história e muita literatura, muita história que é literatura e muita literatura que é história. A história tradicional, em geral, conta pouco desse campo dos Movimentos Sociais, e em muitas das vezes conta sob uma visão do vencedor. A literatura nesse contexto, de luta da Educação do Campo, se contrapõe a essa visão de cima da história, e objetiva contar, registrar a história noutra perspectiva, contando a história do povo, pelo povo.

### **Conceitos de Literatura**

Muitas vezes não nos damos conta da presença da literatura em nossas vidas. Mas ela está presente na vida de todos os povos e nações. Segundo Antonio Candido, “Não há povo, e não há homem que possam viver sem ela, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma fabulação. Assim como todos sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar as vinte e quatro horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo fabuloso” (2007, p. 04).

Muitas vezes, quando pensamos em literatura, a memória nos remete às historinhas do “era uma vez”, contada por nossos avós e pais, outras lembranças podem ser dos contos de fadas com o famoso final, “viveram felizes para sempre”, assim como alguns romances lidos na adolescência, ou nos vem à memória as escolas literárias estudadas no ensino médio, e outras.

O que permeia essas lembranças são as concepções de uma literatura enquanto ficção. Essa é uma definição que está cristalizada, de que a literatura é algo apenas imaginativo, ficando em um plano idealizado, ocorrendo um afastamento da realidade. Entretanto, podemos analisar outros aspectos. Eagleton, em *Teoria da Literatura, uma introdução*, diz que “Talvez a literatura seja definível não pelo fato de ser ficcional ou ‘imaginativa’, mas porque emprega a linguagem de forma peculiar” (2001, p.02). Ou seja, o texto literário possui características específicas, diferenciadas de outros textos. No discurso literário utilizam-se regras de coerência, facilmente identificáveis no universo da arte literária. Por exemplo, a dúvida, a incerteza e a sugestão, são normais,

---

<sup>3</sup> Dados obtidos pela secretaria do MST no período da pesquisa.

sendo características próprias do uso literário, porém, aparentemente, inadmissíveis no discurso histórico.

Entretanto, essa quebra da regra do escrever comum, essa “estranheza” de um texto, não é garantia de que ele sempre foi literário. Para um determinado período da história, ele pode ter sido compreendido como o uso da linguagem comum, cotidiana e em outro não, pois uma peculiaridade do texto literário está justamente ligada ao aspecto temporal de sua produção, no seu aspecto de mudança e capacidade de ser compreendido à luz do momento histórico, no qual se presentifica. Textos como “Os Sermões”, de padre Antonio Vieira, quando escritos, cumpriam uma função religiosa, não parecia ter intenção o autor de fazê-los literários. Porém, hoje, alguns séculos depois, possuem uma carga semântica além do religioso, sendo considerados tanto históricos como literários. “Uma obra pode ser considerada como filosofia num século, e como literatura no século seguinte, ou vice-versa”. (EAGLETON, 2001, p. 12)

No entanto, a literatura, muito além de ser ficção/imaginação ou fruição, ela também exerce um papel ideológico. Quando o autor literário faz opção por descrever algum fato, ou simplesmente fazer de conta que ele não existe, há um posicionamento político de ideológico marcado, ela está presente na literatura “quando verificam que o escritor, para demonstrar a verdade de qualquer proposição ou justificação, violenta a realidade objetiva, deformando-a.” (LUKÁCS, 1965, p. 34). Ou seja, para dizer aquilo que se quer, o escritor manipula os fatos, usando da ideologia que melhor lhe couber no momento.

Não podemos esquecer da carga ideológica que carrega a linguagem, o discurso, uma vez que a literatura é constituída de linguagem. A Análise do Discurso, que nasce nos anos de 1960, considera muito mais que a estrutura da linguagem para a análise, mas como fundamental, visa perceber os aspectos das condições de produção desse discurso, dos objetivos, do contexto. (BRANDÃO, 2004, p.17)

A literatura, mais que a arte das belas letras, da forma bonita de escrever, a qual difere do cotidiano, mais que escrever sobre amores e desilusões, ser escritor, poeta e literato, produzir literatura é tomar partido e ser político. “Nenhum grande escritor pode se permitir permanecer indiferente em face deles (problemas do progresso e do gênero humano), nenhum grande escritor pode deixar de tomar apaixonadamente posição diante deles” (LUKÁCS, 1965, p.36).

## Conceitos de História

A história, assim como a literatura também tem seus cânones, e aquela que é elevada ao conceito de história oficial desconsidera as outras histórias, principalmente a dos “perdedores”, e tem em sua gênese a “verdade absoluta”, coloca-se como inquestionável. Uma concepção dialética da história nos leva a questionar a sua linearidade, ela pode não ser como parece, ou como tentaram nos convencer que fosse, ela pode ser vista e vivida de várias formas diferentes, com o posicionamento do sujeito do lugar onde está, sendo um “vencedor” ou um “vencido”.<sup>4</sup>

A história que não revela a luta de classes, ou é contada pela ótica dos dominadores, tende a provocar um “traumatismo coletivo” que segundo Le Goff, poderia levar a um esquecimento do que realmente aconteceu, mas não é apagado por completo, e pouco a pouco retorna à memória coletiva.

Uma história lenta dos vencidos é também uma forma de oposição, de resistência à história rápida dos vencedores. (...) mesmo que transporte os despojos de um passado longínquo, ela é uma construção relativamente recente, uma reação a um traumatismo político e cultural, esta história lenta que encontramos na cultura ‘popular’ é, com efeito, uma espécie de anti-história, na medida em que se opõe à história ostentatória e animada dos dominadores. (2003, p. 70)

A história possui mecanismo de apagamento e silenciamento daquilo que não é do interesse da classe dominante, ou para o momento, que seja revelado. São várias as zonas de silenciamento, como alguns exemplos: a feitiçaria, a festa, a literatura popular, o camponês, entre outras. (Le Goff, 2003, p. 109) Em geral a cidade é colocada em patamares acima em relação ao campo, classificando este como o lugar do “atraso”, do não desenvolvimento. As histórias contadas do campo são de um povo não letrado, “jecas<sup>5</sup>”, que não possuem cultura, (cultura esta que estaria ligada aos conceitos urbanos de viver, vestir, alimentar, etc).

Se pensarmos nas escolas literárias, e analisarmos pela ótica da história, observaremos que no período do Romantismo (1836-1881), houve uma tentativa de descrever o Brasil e suas gentes, na primeira geração romântica, chamada de nacionalista e há nesta uma maior ênfase em descrever o campo brasileiro nos romances indianistas. Freitas diz que: “A partir da leitura de ‘como se deve escrever a história do Brasil’ me dei conta da possibilidade de reler a ficção histórica brasileira, com

---

<sup>4</sup> Os conceitos de vencedor e vencido serão discutidos posteriormente no subcapítulo sobre a “História Tradicional x A História vista-de-baixo.

<sup>5</sup> O conceito de “Jeca Tatu” foi criado por Monteiro Lobato, para designar um sujeito do campo, que é um grande exemplo de atraso, para o desenvolvimento/progresso do Brasil.

manifestações tão justamente destacadas no período romântico, sob a ótica de uma proposta quanto ao modo de compor uma história nacional e ao significado de fazê-lo” (1996, p. 107)

Analisando esse período numa perspectiva histórica popular, percebe-se o quanto essa história sofreu uma romantização<sup>6</sup> das relações de poder numa perspectiva de classe, etnia e gênero. Temos vários exemplos dessa romantização da colonização do Brasil, nos romances de José de Alencar, como a indígena Iracema, que se apaixona por um branco e morre por ele, ou o indígena Peri, que também se apaixona por uma branca, Cecília, e chega a ser batizado, para se converter ao cristianismo e ser um “cristão”. Outros exemplos das relações romantizadas entre brancos e negros, segundo Marilene Weinhardt, são:

A escrava Isaura, personagem de Bernardo Guimarães no romance homônimo, era branca. Alencar escreve uma peça dramática levada à cena em 1860, intitulada *A Mãe*, em que o desfecho é trágico. Ela se envenena na hora do reconhecimento, para que ele (filho) não seja penalizado socialmente. A crítica da época foi favorável, mas colocou em destaque a questão da maternidade, não a da escravidão”. (1996, p. 112)

Essas são algumas das obras literárias do período Romântico, que para alguns críticos da época foram tidas como retratos da história do Brasil. Todavia, fazendo uma análise a partir do olhar do século XXI e de uma perspectiva enraizada numa história que não foi contada e não racista, observamos o quanto esses romances reforçaram a ideia do “bom selvagem”, da domesticação do indígena pelo europeu e da falsa ideia de democracia racial no Brasil.

### **História tradicional<sup>7</sup> x história vista de baixo<sup>8</sup>, ou história oficial x história nova**

Para uma educação comprometida com as mudanças sociais, não é possível trabalhar literatura separada da história. É preciso verificar que a história não é única, que as “verdades” que ela afirma, podem não ser absolutas, assim como, tampouco,

---

<sup>6</sup> Romantização entendida no sentido de suavizar a discriminação, o preconceito e principalmente a escravidão. Fazendo essas relações de poder e opressão parecerem naturais.

<sup>7</sup> Sobre a história tradicional/oficial, Burke diz que “a história tradicional oferece uma visão de cima, no sentido que tem sempre se concentrado nos grandes feitos dos grandes homens, estadistas, generais ou ocasionalmente eclesiásticos. Ao resto da humanidade foi destinado um papel secundário no drama da história. A existência dessa regra é revelada pelas reações a sua transgressão. (2001, p. 12)

<sup>8</sup> A “vista de baixo ou história nova, esta “começou a se interessar por virtualmente toda atividade humana. ‘Tudo tem história’”. (2001, p.11)

podem não ser “verdades”, como tentaram nos convencer até hoje, mas que existem várias histórias.

A história tradicional, também chamada de “oficial”, aquela que é institucionalizada, que consta nos livros didáticos, a qual vem sendo escrita e contada por uma elite burguesa que a molda segundo seus interesses, fazendo a escolha dos acontecimentos e principalmente de como torná-los fato numa perspectiva vertical, olhando de cima para baixo, a qual vem se concentrando nos grandes feitos dos considerados grandes homens. “Quando o grande escritor russo Alexandre Pushkin estava trabalhando em um relato de uma revolta de camponeses e de seu líder Pugachev, o comentário do czar Nicolau foi que ‘tal homem não tem história’”. (Burke, 1992, p. 13)

Entretanto havia sujeitos que não estavam contentes com essa visão da história vista de cima, e em 1936, o poeta e dramaturgo alemão, Bertolt Brechet, em seu poema “Perguntas de um operário que lê”, questiona os mecanismos de apagamento utilizados pela história tradicional:

Quem construiu as portas de Tebas? Nos livros constam os nomes de reis. Foram eles que carregaram as rochas? E a Babilônia destruída mais uma vez – Quem a reconstruiu de novo? Quais as casas da Lima Dourada Moravam que abrigavam os pedreiros? Na noite em que terminou a muralha da China para onde foram os operários da construção?(...) Tantas histórias. Tantas perguntas. (1977, p.31)

No Brasil temos vários exemplos de como a história é contada somente pelos vencedores. De 1956 a 1960 foi construída Brasília, quando muitos operários, a maioria deles nordestinos, ergueram em apenas quatro anos a Capital Brasileira, que até então se situava no Rio de Janeiro. Esses operários não ficaram morando lá, eles não são proprietários e não residem nos prédios que construíram.

A “História vista de cima” ou história tradicional, relata os acontecimentos por meio de registros escritos, possibilitando o caráter da oficialidade. E a “história vista de baixo” ou popular, é a história de grande parte da humanidade, que acontece todos os dias, que não tem data fixada, que está sempre em movimento. É a história daqueles seres humanos cuja ascensão social no padrão capitalista não é das melhores, portanto, as suas histórias não são relevantes para a sociedade, estando eles à margem do sistema. Segundo Burke, “O movimento da história vista de baixo também reflete uma nova determinação para considerar mais seriamente as opiniões das pessoas comuns sobre

seu próprio passado do que costumavam fazer os historiadores profissionais” (1992, p. 16)

### **Proximidades de Literatura e História**

A obra literária não é uma simples representação do mundo, mas o próprio mundo em movimento. A literatura como instituição social viva, deve ser compreendida como um processo histórico que apresenta no seu material significativo, aspectos políticos, filosóficos e linguísticos. Ao mesmo tempo em que pertence à produção isolada do escritor, reflete o seu contexto social, econômico, político, emocional, que juntamente com a experiência pessoal do escritor.

A literatura, que não está imune à ideologia e por não ter um compromisso oficial com a verdade, muitas vezes, conta a história dentro de suas características próprias, revelando “verdades” não mostradas pela história oficial. Francisco Handa diz que: “Considerando-se que o campo do historiador é limitado ao relatar o que aconteceu, a literatura apresenta, por um lado, uma infinidade de histórias que preenchem o vazio deixado pela história oficial”. (2000, p.361) Ou seja, quando a história cala, a literatura fala.

O fato de nem todas as histórias serem contadas é um indicativo da existência de uma literatura que mostra as histórias escondidas, essa literatura geralmente foge da institucionalidade, daquela que está nos livros didáticos. É uma literatura que está à margem, e uma delas pode ser aquela que está no campo. Sendo produzida por aqueles sujeitos que também estão à margem da sociedade capitalista, que estão nas beiras das estradas, debaixo dos barracos de lona, se organizando e lutando para conquistar seu pedaço de terra, um dos tantos direitos que lhes foi negado. Antônio Candido aponta a existência dessa quando diz:

A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo possibilidades de vivermos dialeticamente os problemas. Por isso é indispensável tanto a literatura sancionada quanto a proscrita: a que os poderes sugerem e a que nasce dos movimentos de negação do estado de coisas predominantes. (2007, p.04)

Essa literatura da margem<sup>9</sup> denuncia as situações de opressão; anuncia os desejos de um povo excluído e propõe uma nova sociedade. Esta pode ser uma das funções da literatura, a literatura como instrumento de luta.

---

<sup>9</sup>. “Pra se entender essa literatura, acho conveniente aprofundar o que significou pra vida cultural brasileira o período posterior a 68, o massacre e desorganização do movimento estudantil, o controle das

Os limites de aproximação e distanciamento, entre literatura e história, são muito tênues, há uma fragilidade em definir essa fronteira, muitas vezes literatura e história se confundem. Segundo Freitas, existem duas possibilidades de entender as relações entre literatura e história: uma seria a assimilação da obra literária ao **contexto histórico** em que foi produzida, e a outra se trata da apropriação pela Literatura da **temática da História**<sup>10</sup>. (1999, p. 112) A primeira sendo uma adequação da literatura ao período histórico e a segunda tem um fato histórico como temática. A respeito da segunda possibilidade de relação entre literatura e história temos alguns romances que relatam a luta por terra no Paraná: *Os dias do Demônio*, de Roberto Gomes; *Demônios do Planalto*, de Aracyllo Marques; *Um amor anarquista*, de Miguel Sanches Neto e *Terra Vermelha*, de Domingos Pellegrini, entre outros. Esses contam a história vista de baixo, revelando muitos aspectos que a história tradicional tentou apagar, aproximando literatura e história, pois “O que sobrevive depois que o fato histórico se apaga é a literatura. A própria História é Literatura: ler história não é propriamente ler sobre ventos do passado, mas sobre o advento de sentido proveniente do passado.” (LUCAS, 1985, p.55)

Literatura e história não são antagônicas, são duas necessidades humanas que caminham paralelamente, tendo muitos momentos de aproximação. Os discursos histórico e literário aproximam-se em relação ao papel que exercem, na construção ideológica de uma sociedade. A história “oficial”, contada pelos vencedores, com a exigência da veracidade, também carrega subjetividade, visto que é relatada por um sujeito, numa determinada circunstância da história, portador de um projeto ideológico e de classe.

Dessa forma, a literatura relata em algumas obras, o que o discurso histórico não contou, ou fez opção por não mencionar, retoma a história sob outra perspectiva, (re)contando-a, sem ficar condicionada a estruturas textuais, (gramaticais) pois estas podem ser em prosa ou verso, ou até mesmo na linguagem oral. Portanto, entendemos que literatura e história são riachos que nascem na mesma montanha, que caminham lado a lado para desaguar no mar da sociedade e que em tempos de “cheias”, misturam suas águas.

---

informações, a despolitização, as novas formas de rebeldia que nasceram, que se manifestaram e se manifestam. Quando uso a palavra ‘marginal’, geralmente estou me referindo a esse tipo de literatura”. (Brito, 1997, p.13)

<sup>10</sup> Grifos da autora.

## A Literatura Camponesa Desvelando a História

O campo, que historicamente teve sua história negada, por discursos que o classificam como atrasado, com sujeitos sem história, aparece neste trabalho, contrariando essas premissas. Como vimos anteriormente, o campo brasileiro é marcado por muita luta e organização popular, existindo muitos movimentos sociais camponeses. O MST- Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, foi o movimento escolhido para esta pesquisa. Desde seu nascimento, início dos anos de 1980, ele propõe a construção de uma cultura popular, resgatando e ao mesmo tempo discutindo novos valores camponeses<sup>11</sup>.

Alfredo Bosi, ao falar sobre a poesia, no contexto do sistema capitalista, faz a seguinte consideração:

(...) a poesia parece condenada a dizer apenas aqueles resíduos de paisagem, de memória e de sonho que a indústria cultural ainda não conseguiu manipular para vender. A propaganda só “libera” o que dá lucro: a imagem do sexo, por exemplo. Cativante: cativo. Ou quererá a poesia, ingênua, concorrer com a indústria & comércio, acabando afinal por ceder-lhes as suas graças e gracinha sonoras e gráficas para que as desfrutem propagandas gratificantes? (2000, p.165)

No MST a música/poema é também o espaço da memória histórica, da “re-leitura” da realidade, ou como diria Paulo Freire, “da leitura de mundo,” da mística, da força, da resistência. Existem músicas específicas para cada momento, tanto para a ocupação, o protesto e o ato público, bem como em memória aos que “tomaram” na luta e para “comunicar” qual a sociedade que se quer construir.

A análise do poema “Boné Vermelho” de Aroldo Baltazar, será realizada na categoria denominada de: **poesia-utopia**<sup>12</sup>, esta categoria é trabalhada por Bosi, no texto Poesia Resistência, que é aquela que “há muito não consegue integrar-se, feliz, nos discursos correntes da sociedade” (2000, p. 165). É o retrato da indignação de um povo que sofre as mazelas sociais, que retrata o sonho de mudança desta sociedade, que no poema estudado, traz muito forte o sonho com a terra. Essa poesia “é o futuro antecipado pelo sentimento como o reino da justiça e da liberdade” (Bosi, 2000, p. 189).

A poesia-utopia traz em si uma negação do presente, por este ser muito ruim, muito sofrido, muito perverso, é negando o agora que se projeta e anuncia o futuro, que este seja melhor e que aconteça uma mudança de sociedade. “O poema acende o desejo

---

<sup>11</sup> Fazemos uma ressalva, que nem todos os considerados valores camponeses há alguns anos atrás, devem ser resgatados, como a relação patriarcal e machista muito presente no campo.

<sup>12</sup> Grifos nossos.

de outra existência, mais livre e mais bela. E aproximando o sujeito do objeto, e o sujeito de si mesmo, o poema exerce a função de suprir o intervalo que isola os seres (...) a poesia traz, sob as espécies da figura do som, aquela realidade pela qual, ou contra a qual, vale a pena lutar”. (BOSI, 2000, p. 227)

**Boné Vermelho - (Aroldo Baltazar)**

Chega de jagunço protegendo	Eu quero terra
Terra improdutiva	E não quero terra pro recreio
Chega de pistoleiro	Eu quero ter pão, queijo e broa de centeio
Colocando preço por uma vida.	Eu quero ter cavalo, carrinho e arreio.
Chega de fazendeiro	Eu sou um sem terra enjoado
Ganhando dinheiro com especulação	Em assombração eu não creio
Chega de ver o povo pobre	Pois na porta do meu barraco
Passando fome e tanta humilhação.	A minha bandeira eu asteio.
Chega de ver o governo	Eu não tenho peito de aço
Mandado pela burguesia	Mas aguento bombardeio
Chega de ver a Reforma Agrária	Meu barraco é de lona
Tratada como utopia.	Mas suporto tempo frio.
Chega de viver com receio	Eu sou um militante
Pois o medo é coisa da burguesia	E se tiver luta vou estar no meio
Que cobre sua cabeça	Pois o meu capacete é de pano
E põe lá no meio.	E é um boné vermelho.

Podemos observar esses aspectos da negação e do anúncio muito presentes, o poema se divide em dois tempos, o primeiro que é da negação e da denúncia do presente quando o eu-poético utiliza o termo chega, na composição dos versos, repetindo-o várias vezes: chega de jagunço; chega de pistoleiro; chega de fazendeiro; chega de ver o povo pobre; chega de ver o governo mandado pela burguesia; chega de ver a reforma agrária tratada como utopia; chega de viver com receio. O eu-poético clama por um basta na situação de violência, de medo, de insegurança, questiona o cumprimento do papel dos governantes, que não governam para o povo como um todo, mas para uma

pequena parcela da sociedade. Nega-se esse presente, com intuito de denunciar essa situação.

A segunda parte do poema revela o sonho e o desejo de ter um pedaço de terra, que é muito mais que um espaço físico, delimitado por metros, alqueires ou cercas, mas é um espaço enquanto território, no qual o simbólico e a identidade de ser Sem Terra estão muito presentes. A terra é para produzir alimentos, pão, queijo e broa de centeio, condições dignas de vida, a terra não possui valor de mercadoria, mas de vida. A bandeira, que está sempre astreada, o barraco de lona e o boné vermelho, são elementos que também compõem o cenário do território, que expressa a luta pela terra e trazem uma materialidade discursiva.

A identidade é fortemente marcada pelos versos: Eu sou um sem terra; Eu sou um militante, utilizando o pronome pessoal em 1ª pessoa do singular e o verbo ser no presente, caracterizando esse sujeito com os adjetivos de ser Sem Terra e ser Militante. O sonho, o desejo pela terra é fortemente expresso no verso: Eu quero terra. Novamente utilizando o pronome pessoal em 1ª pessoa, seguido de um verbo, querer, conjugado no tempo presente e conclui o verso com o substantivo do sonho, a Terra.

A partir desta pesquisa, percebemos que esse campo dos Movimentos Sociais produz literatura, que esta faz vários apontamentos da identidade dos camponeses, enquanto sujeitos da luta e do sonho pela terra, revelando suas histórias em seus poemas, anunciando uma nova sociedade, na qual a educação, em especial, a Educação do Campo tem papel fundamental, sendo uma Educação libertadora e sendo a Literatura Camponesa um dos instrumentos de luta.

## **REFERÊNCIAS**

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. 2ª ed. Revisada. Campinas, SP: editora da UNICAMP, 2004.

BRECHET, Bertolt. **Antologia Poética**. Rio de Janeiro: Empresa editora Carioca Ltda, 1977.

BRITO, Antônio Carlos Ferreira Casaco. **Jornal “Movimento”**. 12/07/1976, p.13.

BOSI, Alfredo. **O Ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

BURKE, Peter. **A escrita da História**. Novas Perspectivas. São Paulo: Unesp, 2001.

CANDIDO, Antonio. **Direitos Humanos e Literatura**. Disponível em: [http://www.dhnet.org.br/direitos/textos/textos\\_dh/literatura.html](http://www.dhnet.org.br/direitos/textos/textos_dh/literatura.html) Acessado em: 03/06/07.

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura: uma introdução**. Trad. Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes 2001.

FREITAS, Maria Teresa de. **Romance e história**. Ponta Grossa: Uniletras, nº 11, p. 109-118, 1999.

HANDA, Francisco. **Discurso Histórico e Narrativa Literária**. In: Pós-História: Revista de pós-graduação em história, Unesp: Assis, 2000, nº 8, anual.

LE GOFF. História. In: **História e memória**. Trad. Bernardo Leitão. [et al.] 5 ed. Campinas, SP: editora da UNICAMP, 2003.

LUCAS, Fabio. **Vanguarda, História e Ideologia da Literatura**. São Paulo: Ícone, 1985.

LUKÁCS, George. **Ensaio sobre literatura**. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 1965.

WEINHARDT, Marilene. **Um possível sentido do diálogo literatura e história**. Caderno nº 46, p. 105-113. Curitiba: Editora da UFPR, 1996.